

Conhecimento sobre esporotricose pela população de Pelotas, RS, Brasil

JENNIFFER HAUSCHILDT DIAS¹; ANGELITA DOS REIS GOMES²; JOSIARA FURTADO MENDES²; ALICE DE MOURA BENITES²; RENATA OSÓRIO FARIA²; MARIO CARLOS ARAÚJO MEIRELES³.

¹ *Graduanda em Medicina Veterinária da Universidade Federal de Pelotas – jennifer.hauschildt@gmail.com*

² *Laboratório de Micologia - Universidade Federal de Pelotas*

³ *Laboratório de Micologia - Universidade Federal de Pelotas – meireles@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma infecção causada por fungos do complexo *Sporothrix* sp., podendo acarretar sinais clínicos subagudos ou crônicos que são caracterizados por lesões na pele, tecido subcutâneo e vasos linfáticos adjacentes. Essa micose pode acometer pessoas de qualquer idade, sexo ou raça. Antigamente eram considerados grupos de risco trabalhadores ligados à terra ou a veterinária (LOPES *et al.*, 1999).

Atualmente considera-se que a maioria dos casos ocorridos em humanos tenham na transmissão zoonótica, através de mordidas ou arranhões de gatos a sua principal forma de transmissão (RODRIGUES *et al.*, 2014; SCHUBACH *et al.*, 2003). O Rio de Janeiro ainda é considerada a principal área endêmica do país (BARROS *et al.*, 2010). No Rio Grande do Sul, a região litorânea sul tem registros de casos a partir dos anos 2000 (MADRID *et al.*, 2010).

A população acometida pelo contágio com o fungo geralmente encontra dificuldades para o diagnóstico da doença devido ao despreparo de identificação dos profissionais da saúde do sistema público e privado e pela carência de suporte laboratorial. Essa micose afeta diretamente o lado econômico e social, acarretando faltas no trabalho, padecimento e custos de tratamento, além dos fatores estético e psicológico gerados pelas cicatrizes remanescentes (BARROS *et al.*, 2010). Este trabalho tem como objetivo avaliar o conhecimento da população da cidade de Pelotas, RS, sobre a esporotricose, uma vez que a região é endêmica para a esporotricose felina.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Durante os meses de Dezembro de 2013 e Fevereiro de 2014, realizou-se uma pesquisa de base populacional na cidade de Pelotas, RS. Participaram do estudo somente pessoas acima de 16 anos após o entendimento e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. A coleta de dados foi realizada através de um questionário estruturado com questões pré-codificadas construído em dois blocos. O primeiro bloco de perguntas referente à identificação do entrevistado, com as variáveis: idade, sexo, ocupação, escolaridade. O terceiro bloco de perguntas referente ao conhecimento e percepção do entrevistado sobre definições e conceitos sobre esporotricose.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do total de 618 entrevistas, 40,94% homens com idade média de 32,3 anos e 59,06% mulheres com idade média de 34,7 anos, obteve-se os seguintes resultados.

A frequência do conhecimento de esporotricose relacionados à ocupação e escolaridade podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição de frequências conforme ocupação e escolaridade dos entrevistados (N=618) sobre conhecimentos de esporotricose na área da cidade de Pelotas em 2014.

Ocupação	Entrevistados (n=618)	Tem conhecimento sobre Esporotricose (%)
Estudante	206	44,17
Área da Saúde	83	26,51
Do lar	63	4,76
Comércio/Indústria	84	3,57
Outros	182	3,85
<i>Escolaridade</i>		
Ensino Fundamental	51	0
Ensino Médio	211	5,69
Ensino Superior	356	32,02

Dentre as pessoas que tinham conhecimento sobre a esporotricose, a fonte primária sobre essa informação pode ser vista na Tabela 2.

Tabela 2: Distribuição de frequências sobre origem de informação em respostas corretas sobre esporotricose na área urbana do município de Pelotas em 2014.

Como tomou conhecimento sobre	Entrevistados (n=618)	Tem conhecimento sobre Esporotricose (%)
Mídia	0	0,00
Amigos/Família	56	44,44
Médico	22	17,46
Veterinário	37	29,37
Não sabe determinar	11	8,73

O presente estudo ressalta-se a baixa frequência de conhecimento sobre esporotricose no grupo de profissionais da saúde humana, aliado a baixa representatividade dessa categoria como fonte primária de informação. Avalia-se que esse dado possa estar associado ao ainda baixo número de casos de esporotricose humana na região (MEINERZ et al., 2007; XAVIER et al., 2013; XAVIER et al., 2004). Assim como a não obrigatoriedade de notificações desta zoonose pode acarretar um subdiagnóstico dessa enfermidade, uma vez que é estimada apenas através de relatos de casos.

Contudo, é conveniente frisar que o despreparo dos profissionais da saúde pública com relação a zoonoses é um fator agravante para a enfermidade, impedindo o diagnóstico correto, onerando o tratamento e propiciando a

disseminação da doença, como já relatado por Barros (2010) perante a epidemia ocorrida no Rio de Janeiro.

Atualmente considera-se de grande importância a associação entre diversos profissionais de diferentes áreas, como médicos e veterinários atuando na prevenção de doenças (HODOGSON, DARLING, 2013). Avalia-se que campanhas e ações em comunidades são alternativas de viabilizar a difusão dos conhecimentos sobre essa zoonose e seu potencial endêmico. Além disso, um maior controle sobre gatos errantes ou semidomiciliados poderia também reduzir os índices de incidência dessa micose tanto em felinos, como possivelmente em humanos.

4. CONCLUSÃO

O conhecimento sobre esporotricose pela população da cidade de Pelotas, endêmica para esta micose em felinos, ainda é tido como baixo. Embora acredite-se que a casuística em humanos é baixa, avalia-se a necessidade de elaboração de planos de controle e prevenção desta enfermidade a fim de conscientizar profissionais e indivíduos da população no Município de Pelotas, RS e região, evitando que a presente região sofra com epidemia semelhante a ocorrida no Rio de Janeiro.

5. REFERÊNCIAS

- BARROS, M. B. L.; SCHUBACH, T. P.; COLL, T. P.; GREMIÃO, I. D.; WANKE, B.; SCHUBACH, A. **Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia**. Revista Panamericana de Salud Pública. 2010; (6): 455-60.
- HODOGSON, K; DARLING, M. Zoonose: An essential component of “One Health”. **Can Vet J**, 52:189–191. 2011.
- LOPES, J.O.; ALVES, S. H.; MARI, C. R.; BRUM, L. M.; WESTPHALEN, J. B.; ALTERMANN, M. J.; PRATES, F. B. Epidemiologia da esporotricose na região central do Rio Grande do Sul. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**. Set-Out, 1999.
- MADRID, I.M.; MATTEI, A.S.; MARTINS, A.A.; NOBRE, M.O.; MEIRELES, M.C.A. Feline sporotrichosis in the Southern region of Rio Grande do Sul, Brazil: clinical, zoonotic and therapeutic aspects. **Zoonoses and Public Health**, v.57, p.151-154, 2010a.
- MEINERZ, A. R. M.; NASCENTE, P. S.; SCHUCH, L. F. D.; FARIAS, R. O.; ANTUNES, T. A.; CLEFF, M. B.; SOUSA, L. L.; XAVIER, M. O.; MADRID, I. M.; MEIRELES, M. C. A.; MELLO, J. R. B. Felino doméstico como transmissor da esporotricose em trabalhador rural – Relato de Caso. **Arq Inst Biol**. 74(2):149-151. 2007.
- RODRIGUES, A. M., HOOG, G. S. DE, ZHANG, Y., CAMARGO, Z. P. DE. Emerging sporotrichosis is driven by clonal and recombinant *Sporothrix* species. **Emerging Microbes and Infections**. 2014, 3: e32.
- SCHUBACH, T. M.; SCHUBACH, A. O. et al. Hematogenous spread of *Sporothrix schenckii* in cats with naturally acquired sporotrichosis. **Journal of Small Animal Practice**, v.44, n.9, Sep, p.395-398. 2003.
- XAVIER, M. O; BITTENCOURT, L. R.; SILVA, C. M.; VIEIRA, R. S.; PEREIRA, H. C. P. Atypical presentation of sporotrichosis: report of three cases. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, 46(1):116-118. 2013.
- XAVIER, M. O.; NOBRE, M. O.; SAMPAIO JR, D. P.; ANTUNES, T. A.; NASCENTE, P. S.; SÓRIA, F. B. A.; MEIRELES, M. C. A. Esporotricose felina



com envolvimento humano na cidade de Pelotas, RS, Brasil. **Ciênc Rur.**
34(6):1961-1963. 2004.